



caçadores de trolls

Guillermo del Toro e Daniel Kraus

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Para os meus filhos e para o tempo dos sonhos e da esperança.
Oxalá que este nos possa durar a todos um pouco mais.

— *GDT*

Para Craig Ouellete.

— *DK*



Chamam-me *Troll*;
Roedor da Lua,
Gigante dos Grandes Vendavais,
Maldição do salão da chuva,
Companheiro da Sibila,
Feiticeiro errante da noite.
Devorador do enorme pão celestial.
Que será afinal um *Troll* senão isso?

— BRAGI BODDASON, O VELHO
(POETA DO SÉCULO IX)

PRÓLOGO

A EPIDEMIA DOS PACOTES DE LEITE

Não passam de comida. Os músculos que distendem quando andam levantam qualquer coisa, falam, não são mais do que pastéis de carne cobertos de tendões. A pele, a que prestaram tanta atenção nos espelhos, é algo delicioso para certos palatos, uma caçarola de tecidos suculentos. Todos esses ossos que vos dão força, para que consigam mover-se neste mundo, estalam entre dentes à medida que o tutano desliza por gargantas bem lubrificadas. Estes factos são desagradáveis mas úteis. Lá fora há coisas, não sei se estão a ver, que não se acoitam em buracos para serem capturadas por nós e serem assadas na brasa. Essas coisas têm os seus modos próprios de capturarem as presas, as suas próprias brasas, os seus apetites.

O Jack Sturges e o seu irmãozinho Jim não se importavam com nada disto enquanto deslizavam pelo leito seco de um canal, nas suas bicicletas, na sua cidade natal de San Bernardino, na Califórnia. Estávamos a 21 de setembro de 1969, um dia perfeito de uma época há muito desaparecida: a luz do sol poente extravasava das cristas do Monte Sloughnisse para leste da cidade e, desde as ruas próximas, os rapazes podiam ouvir o zumbido das máquinas de cortar relva, cheirar o cloro de uma piscina, saborear o fumo que emanava de hambúrgueres a serem grelhados num quintal.

Os muros altos do canal mantinham-nos fora das vistas e proporcionavam-lhes um esconderijo perfeito para as suas lutas com pistolas. Nessa tarde, como de costume, era o Victor Power (Jack) contra o Doutor X (Jim), e eles serpenteavam por entre amontoados de lixo para poderem disparar as suas pistolas de raios desintegradores, feitas

de plástico. Victor Power, como sempre, estava a ganhar, dessa vez sem sombra de dúvida, devido à sua bicicleta nova: uma *Sportcrest* cor de cereja, tão à estreia que ainda se lhe viam as fitas com que a tinham embrulhado como prenda de aniversário. Jack fazia treze anos nesse dia, mas deslizava, montado no seu presente, como se o tivesse guiado durante toda a vida, subindo margens suicidas, através de ervas enredantes, por vezes até sem mãos, para que pudesse disparar um tiro particularmente certo.

— Nunca me hás de apanhar vivo! — gritou Victor Power.

— Apanho-te sim — arfava o Doutor X. — Vou mesmo... espera... eh... Espera aí, Jack!

O Jim (ou «Jimbo», como o irmão gostava de lhe chamar) empurrou os óculos muito graduados, com a armação partida mas colada com adesivo, mais para o alto do seu nariz suado. Tinha oito anos e era pequeno para a sua idade. Não só a sua bicicleta amarela da marca *Schwinn*, já muito usada, era de pior qualidade do que a *Sportcrest*, como era de tal modo grande que o Jim ainda não se vira livre das duas rodinhas de segurança na parte de trás. O pai jurara-lhe que ele iria habituar-se, mas ainda estava à espera que isso de facto acontecesse. Entretanto, tinha que se pôr em pé em cima dos pedais para fazê-la andar, o que lhe dificultava o disparo certo da sua pistola de raios desintegradores. O Doutor X estava condenado.

A *Sportcrest* voou por cima de um amontoado de lixo. Jim seguiu-a momentos depois, com as rodinhas de segurança a chiarem, mas, ao ver um pacote de leite amachucado, contornou-o. Via-se o rosto de uma menina a sorrir num dos lados do pacote, juntamente com as palavras *CRIANÇA DESAPARECIDA*. Isso fez com que Jim sentisse um arrepio na espinha. Era assim que davam a conhecer as crianças que tinham desaparecido, e havia muitas.

Fora há cerca de um ano que desaparecera a primeira. A cidade de San Bernardino organizara equipas de busca, de resgate. Então, outra criança desaparecera, e depois outra. Tentaram, durante algum tempo, procurar cada uma delas. No entanto, não demorou até haver uma criança desaparecida dia sim, dia não, de modo que os adultos não conseguiam dar conta do recado. Isso fora o que mais assustara o Jim, ver a resignação no rosto cansado dos pais. Tinham-se rendido não se sabia a que entidade malévola que andava a raptar crianças e, sempre que

enchiam copos de leite para a família, tentavam ignorar os rostos nos lados dos pacotes onde se liam as horríveis palavras:

ALGUÉM ME VIU?

A última vez que o Jim soubera de uma contagem, a mesma relatava cento e noventa crianças desaparecidas. Esse número ter-lhe-ia parecido uma fantasia se não fossem as provas que ele vira por todo o lado: uma cerca mais alta para proteger uma escola, um maior número de pais a patrulhar os locais de recreio e de lazer, a repressão exercida pela polícia sempre que viam crianças na rua depois do pôr-do-sol. Não era costume que o Jim e o Jack tivessem autorização para andarem de bicicleta já quase ao anoitecer, mas tratava-se do aniversário do Jack e os pais não tinham conseguido dizer-lhes que não.

O Jack não perdera tempo para proceder a um único melhoramento na sua bicicleta. Pegou no seu rádio de transístores e fixou-o ao guidador brilhante e vermelho com a ajuda de um pedaço de arame. Em seguida, aumentou-lhe o volume para o máximo e a tarde inteira fora orquestrada ao som das trepidantes canções desse tempo: «*Sugar, Sugar*», «*Hot Fun in the Summertime*», «*Proud Mary*». Nunca se pensaria que estas canções pudessem constituir a banda sonora para as rajadas de raios desintegradores do Victor Power e do Doutor X, mas eram perfeitas. Desde que o Jim conseguisse abstrair-se desses pacotes de leite, iria ser talvez a tarde mais divertida de toda a sua vida.

Um pouco mais adiante, na bicicleta do Jack, surgiu na rádio uma nova canção «*What's Your Name?*», por Don and Juan. Tratava-se de uma longa canção de amor, não bem o género do Jim, mas, por qualquer motivo, esse tom romântico e melancólico capturava bem o ambiente desse fim de tarde. O sol estava a pôr-se rapidamente, a escola iria começar de novo no dia seguinte e esse último quilómetro de bicicleta poderia ser a derradeira chama desse verão, antes que as aulas de outono a apagassem como a uma vela.

Jim semicerrou os olhos para se proteger do sol. Conseguia ver o Jack a pedalar tão rapidamente que os pássaros se desviavam para deixá-lo passar, e não iriam pousar até se dirigirem para sul para aí passarem o inverno. O Jack ia gritando e havia folhas secas que dançavam à passagem da *Sportcrest*. Dentro de alguns segundos, o Jack iria passar

por baixo da Holland Transit Bridge, um monólito de betão e ferro. Lá em cima viam-se dois carros que estavam a atravessá-la, mas, por baixo dessa ponte, havia sombras tão profundas e escuras que quase magoavam os olhos.

Ele tinha que alcançar o irmão. Quando chegassem a casa deveriam estar ambos ao mesmo nível, Jack e Jim Sturges, em vez do perpétuo vencedor e derrotado, Victor Power e Doutor X, respetivamente. O Jim pôs-se de pé nos pedais e usou toda a sua força. As rodinhas de segurança protestaram e começaram a fazer uma chiadeira medonha, mas ele continuava a mexer as pernas, desejando que estas fossem mais fortes e longas.

Quando voltou a olhar, o Jack tinha desaparecido.

O Jim conseguia ver a *Sportcrest* estendida por debaixo da ponte, em silhueta sob o sol poente, com o guiador torcido e a roda da frente ainda a girar. Com a ponte a aproximar-se, o rapazinho tentou inverter a direção em que a bicicleta se deslocava e as suas pernas e a *Schwinn* deraparam, até pararem a poucos palmos da sombra que a ponte projetava. Sentou-se no quadro da bicicleta e começou a respirar nervosamente à procura do irmão nos cantos mais escuros.

— Jack?

A roda da frente da *Sportcrest* continuava a girar como se o fantasma do irmão ainda estivesse a pedalá-la.

— Aparece, Jack. Não sejas estúpido. Olha que não vais meter-me medo.

A única resposta veio do duo Don and Juan. Os ecos replicavam essa doce harmonia contra uma parede misteriosa:

«*I stood on this corner, / Waiting for you to come along. / So my heart could feel / satis-fi-i-i-ed...*»¹

Com um som abafado de fogo-de-artifício a rebentar, os candeeiros de rua mais próximos do Jim acenderam-se, um após outro, inundando o canal com um clarão amarelado de sódio. Isso queria dizer que era já noite: não haveria mais tempo para brincadeiras.

— Se não formos já para casa, o pai não nos vai deixar sair durante semanas, Jack...

O Jim engoliu em seco, desmontou da bicicleta, apertou a sua pistola

¹ «Fiquei de pé neste canto, / À tua espera. / Para que o meu coração se pudesse sentir / satisfiei-ei-to». (N do T).

de raios desintegradores na mão suada e começou a andar, levando a bicicleta à mão, até entrar na escuridão provocada pela ponte. Aí estavam menos dez graus e ele arrepiou-se. As rodinhas de segurança rodavam mais devagar, mas continuavam a chiadeira.

Por fim, aproximou-se da *Sportcrest*. A roda da frente começava a girar muito mais lentamente. De súbito, teve a sensação de que essa roda era o coração do Jack e que, se a mesma parasse, o irmão desapareceria para sempre.

O Jim tentava observar qualquer coisa nessa escuridão insondável. Ignorando um pingar de gotas de humidade, a fuga do que poderiam ser ratazanas, o rodar dos pneus dos automóveis a passarem lá em cima e os gemidos agonizantes dos Don and Juan, elevou a voz.

— Jack, aparece! Vem cá! Estás ferido? Jack, estou a falar a sério!

Encolheu-se, ao dar-se conta do modo como as suas palavras reverberavam. A luz amarelada dos candeeiros de rua, o céu violeta, a humidade viscosa, os ecos trocistas do seu pânico... De que modo o sonho se transformara tão depressa em pesadelo? Começou a andar à volta, procurando numa sombra a seguir à outra, cada vez mais depressa, com o peito atacado de soluços, as faces a arderem-lhe de medo, quando pensou na única área que ainda não tinha ido inspecionar.

Devagar, Jim inclinou a cabeça para trás, de modo a poder observar a parte debaixo da ponte.

Era negra. Nada mais do que uma superfície negra.

Mas depois esse negrume *começou a mexer-se*.

Aconteceu naturalmente, quase de um modo elegante. Pernas e braços gigantes e poderosos diferenciavam-se do betão, ao ajustarem o modo como a ele se agarravam. Algo do tamanho de um pedregulho, uma cabeça, rodou até o Jim poder ver os seus olhos acesos cor de laranja como fogo. Esse monstro respirou fundo e era como se todo o arco da ponte tivesse tremido nesse momento. Depois, o ar pútrido que lhe saiu da boca acabou por atirar o Jim ao chão.

O monstro largou a ponte e saltou para o canal. Houve um levantar de poeira e um voar de lixo pelo ar e, nesse remoinho de detritos, o rapazinho viu pacotes de leite, dois, três, quatro, cinco, a girarem, a pinotear, com os esgares das crianças desaparecidas como que troçando da sua própria morte. O monstro ergueu-se como um urso pardo e os candeeiros de rua iluminaram dois cornos que rasgaram o betão da

parte debaixo da ponte. Uma boca abriu-se mostrando enormes dentes reluzentes e irregulares. Os olhos cor de laranja fixaram o Jim. Os braços, longas serpentes constritoras, musculadas e cobertas de pelo, estenderam-se.

O Jim gritou. Essa passagem ampliou dez vezes esse grito e o monstro parou por um brevíssimo instante. Jim aproveitou esse momento, dando um salto e montando na sua *Schwinn*, arrancando com toda a força pelo passeio fora. Com o pé esquerdo deu um pontapé no rádio do Jack, matando os Don and Juan de uma vez por todas, e não demorou até se afastar da parte debaixo da Holland Transit Bridge, ainda aos gritos e a pedalar nervosamente.

Ele ouviu-o por detrás de si: o galope de uma coisa colossal, correndo atrás dele como um gorila.

Balbuciando algo sem sentido, pedalou com mais força do que nunca. O guinchar das rodinhas de segurança transformou-se num grito agudo e penetrante. Mas esse monstro ainda se aproximava. O chão parecia tremer a cada passada desses pés gigantesco. O monstro bufava como um touro e o ar que expelia tresandava a esgoto. A pistola de raios desintegradores feita de plástico caiu-lhe da mão, nunca mais iria sentir a força astuciosa do Doutor X. O monstro atrás dele rosnava tão perto, que toda a estrutura da bicicleta vibrava. Os candeeiros de rua em frente dele projetavam a sombra horripilante do braço desse monstro, tentando agarrar o Jim com longas garras afiadas.

O rapazinho desviou-se para a esquerda, saltando pela margem do canal, passou como uma seta por cima das ervas daninhas da vala e irrompeu num passeio como um tiro. Havia uma boca-de-incêndio mesmo à sua frente, vermelha como a bicicleta que o Jack recebera pelos anos. Oh, Jack, Jack, que lhe teria acontecido? Jim contornou essa boca-de-incêndio e apressou-se para o meio da rua. Um carro buzinou e desviou-se dele. O Jim ignorou esses gritos zangados. Estava a ir tão depressa como o irmão, aprendendo, por fim, a andar devidamente de bicicleta, enquanto as rodinhas de segurança se desprendiam e saltitavam pela rua fora, transformadas em pequenos pedaços de borracha inútil.

A sua casa estava *mesmo ali*, a poucos segundos, e ele esforçou-se ainda mais nesse momento, arfando de um modo descontrolado, com as lágrimas a deslizarem-lhe horizontalmente pelas faces. A bicicleta saltou para o passeio e foi bater na cerca branca. O Jim foi projetado por

cima dela, aterrando no relvado da frente com o rosto arranhado pelos arbustos muito bem aparados da mãe e com os óculos já separados do remendo de adesivo.

O cão estava a ladrar dentro de casa e ele ouviu passos, a porta da frente a abrir-se, a atrapalhão da mãe e do pai a descerem os degraus. Jim apercebeu-se de que ainda estava a gritar, e que isso fazia com que se lembrasse do monstro. Tentou agarrar nas duas metades dos óculos para colocá-las diante dos olhos. Nada. Observou o jardim da frente, as tranquilas casas suburbanas, as caixas de correio, os canteiros, os aspersores de rega. Não havia monstros mas, a seus pés, viu uma coisa completamente diferente.

Tratava-se de um medalhão de bronze posto numa fina corrente ferugenta. Via aí gravado um brasão de mau agouro: um rosto horrível de dentes arreganhados, marcas indecifráveis de uma língua selvagem e uma magnífica espada na parte inferior. Os soluços do Jim prenderam-se-lhe no peito e ele tentou agarrar esse objeto.

— Jim, que se passa contigo?

Era a mãe, ajoelhando-se a seu lado, sacudindo-lhe grãos de terra dos ouvidos. O pai veio logo a seguir, ajoelhando-se em frente dele, segurando-lhe num joelho e abanando-o para que lhe prestasse atenção. Não paravam de repetir o seu nome: *Jim*. Como era horrível que já não lhe chamassem «Jimbo».

— Olha para mim, rapaz — disse-lhe o pai. — Estás bem? Sentes-te bem? Então...?

— Onde está o teu irmão? — O murmúrio rouco da mãe sugeria que ela deveria saber. — Jim, onde está o Jack?

O Jim não respondeu e, em vez disso, inclinou-se para o lado para conseguir observar o que estaria a passar-se por detrás do pai. A marca na relva ainda aí estava, mas o medalhão tinha desaparecido, se é que alguma vez lá estivera. Ele sentiu uma estranha impressão de tristeza devido ao desaparecimento desse objeto e uma sensação ainda mais intensa de fracasso. Caiu nos braços dos pais, a chorar, a tremer, sabendo que agora conhecia a natureza do verdadeiro medo, a dor da verdadeira perda.

Jim Sturges era o meu pai. Jack Sturges meu tio. Eu não viria a conhecer a história que acabei de vos contar senão quarenta e cinco anos mais tar-

de, quando eu já tinha quinze anos. Foi então que vim a saber que o tio Jack fora a última criança a desaparecer durante a Epidemia dos Pacotes de Leite, que terminou tão rapidamente como começara. A *Sportcrest* destruída tornou-se uma relíquia de família; já olhei para ela centenas de vezes. Foi também quando tinha quinze anos que soube de que modo o meu pai passara as décadas seguintes, toda a sua juventude e vida adulta, a visitar a Holland Transit Bridge à noite, com uma lanterna de pilhas na mão, à procura de pistas acerca do que teria acontecido ao seu irmão mais velho. Nunca mais houve rasto do Jack, à exceção dos pacotes de leite onde se via o seu corajoso sorriso, juntamente com a palavra *DESAPARECIDO*.

Que maneira perfeita de descrever o meu pai nos anos vindouros.

• PARTE UM •

Pelo Cano Abaixo





UM



Os relatos contemporâneos afirmam que a histórica e decisiva Batalha das Folhas Caídas ocorreu nos dois minutos finais do quarto trimestre, no Harry G. Bleeker Memorial Field da Escola Secundária de San Bernardino, com os nossos adorados Saint B² Battle Beasts a ganharem apenas por seis pontos, estando o nosso defesa lesionado. Foi então e aí, durante o nosso jogo mais importante do ano, no relvado coberto de orvalho, que um bravo herói tombou e um vencedor inesperado surgiu. Mesmo hoje, os relatos dessa noite alimentam as histórias ao deitar e os sonhos de crianças de todas as idades, humanas e não só. De modo que leiam cuidadosamente estas páginas que têm nas mãos. Não hesitem em acreditar em todas as palavras. Apesar de tudo, poderão um dia querer contar esta história aos vossos filhos.

Aconteceram coisas mais estranhas. Esperem para ver.

Chamo-me James Sturges Júnior, mas podem chamar-me Jim, tal como o meu pai. Costumava ser como vocês. Tinha quinze anos quando a minha aventura começou. Foi numa sexta-feira de manhã em outubro e o relógio despertador tocou à horrível hora do costume. Limitei-me a deixá-lo tocar pois tinha aprendido a dormir durante esse processo. Infelizmente, o meu pai, Jim Sturges Sénior era a pessoa com o sono mais leve deste mundo. Uma rabanada de vento contra um dos lados da casa era suficiente para acordá-lo, e depois costumava aparecer para ver como eu estava, acordando-me também. Penso que deveríamos atribuir isso ao que se passara com o Jack, o seu irmão mais velho. Esse tipo de coisas acaba por nos confundir e desorientar para sempre.

² Abreviatura para San Bernardino (N do T.)

Ele entrou no meu quarto e silenciou o despertador. A calma que se seguiu ainda conseguiu ser pior porque eu sabia que ele ainda lá estava a olhar para mim. Fazia isso muitas vezes. Era como se tivesse dificuldade em acreditar que eu tinha sobrevivido mais uma noite. Abri os olhos. Ele estava vestido com uma camisa formal, demasiado apertada e com o colarinho sujo, tentando abotoar o punho esquerdo, algo que ele fazia todas as manhãs até acabar por desistir e me pedir ajuda.

Parecia-me envelhecido. Era, de facto, velho. Mais velho do que a maioria dos pais que eu conhecera, a julgar pelos pés de galinha que tinha nos olhos, a espessura das sobrancelhas, os cabelos nos ouvidos e a sua calvície quase total. Também tinha uma postura encurvada que não vira em outros pais, embora eu duvidasse de que isso tivesse que ver com idade. Penso que se tratava de outra coisa que parecia pesar-lhe bastante.

— Vamos a acordar. — Como de costume, ele próprio não tinha um aspeto particularmente acordado.

Sentei-me e vi-o dirigir-se às persianas de metal do lado de fora da minha janela. Retirou os óculos do bolso, partidos e sempre colados com adesivo, e olhou para o código com os olhos semicerrados. Depois de ter pressionado esse mesmo código de sete dígitos, olhou para cima e os painéis de metal começaram a subir, revelando um belo dia de sol.

— Não se dê a esse trabalho — resmunguei eu, de mau humor. Terei que voltar a fechá-las quando sair.

— A luz do sol é importante para os rapazes que ainda estão a crescer. — Porém, não me parecia que ele acreditasse nisso.

— Eu não estou a crescer. — Saíra ao meu pai no que dizia respeito à altura e ainda estava à espera desse salto de crescimento de que as pessoas tanto falavam. — Na verdade, tenho a impressão de estar a encolher.

Ele derriçou mais algum tempo pelo botão do punho esquerdo, antes de sair.

— Toca a levantar e comer — disse ele. — O pequeno-almoço também é importante.

Também não me parecia que ele acreditasse muito no que estava a dizer-me.

Depois do duche e de me vestir, encontrei o meu pai onde já esperava que ele estivesse, de pé na sala, a adorar o altar ao tio Jack, por cima da prateleira da nossa lareira elétrica. Chamo-lhe altar pois não consigo

encontrar uma palavra melhor. Cada centímetro dessa prateleira estava repleto de recordações do Jack. Viam-se aí, é claro, as fotografias que ele, com uma expressão muito excitada e uma camisa do Lone Ranger, tirara quando andava na infantil; outra do Jack, no segundo ano de escolaridade, com um sorriso a que faltavam dentes; o meu tio no quinto ano com um olho negro e muito orgulhoso disso; e ainda outra quando ele andava no oitavo, o último ano do Jack, bronzeado e com um ar saudável, como se estivesse pronto a conquistar o mundo.

Os outros objetos nesse altar eram mais estranhos. Havia a campainha da *Sportcrest* que lhe tinha sido oferecida, manchada de ferrugem. Havia o rádio da bicicleta que tocara a sua última canção em 1969, uma engenhoca esquisita com uma antena torcida. Havia outras coisas, que apenas tinham um significado fraternal para o meu pai: um relógio de pulso avariado, uma estatueta de madeira de um índio, um pedaço de pirite a imitar uma pepita de ouro. No entanto, o mais inquietante era o que se encontrava mesmo no centro desse altar: uma fotografia encaixilhada do Jack, retirada de um pacote de leite, uma réplica a preto e branco da que ele tirara no oitavo ano.

O meu pai apercebeu-se da minha presença através do meu reflexo no vidro dessa fotografia.

Teve um sorriso forçado.

— Olá, filho.

— Olá, pai.

— Estava... só a limpar umas coisas.

Ele não tinha aí qualquer produto de limpeza nem nenhum pano.

— É claro, pai.

— Queres comer?

— Pois... tanto faz. Está bem.

— Então vamos lá. — Ele exagerou aquele seu sorriso forçado até passar todos os limites. — Então vamos lá fazer o pequeno-almoço.

Isso queria dizer cereais com leite frio. Tempos houve em que chegámos a comer alimentos cozinhados de manhã, antes da minha mãe se fartar das inseguranças do meu pai e se ter ido embora. Ele estava a fazer o melhor de que era capaz, dizia eu a mim mesmo. Ouvia-se o som dos nossos dentes a roerem e a mastigarem o cereal à mesa. Estávamos diante um do outro, de rostos inclinados para as tigelas. De vez em quando via-o a observar a sala para se certificar de que as persianas de metal

estavam bem fechadas. Suspirei e voltei a servir-me de leite – de garrafa, pois o meu pai nunca comprava pacotes.

Vi-o a olhar repetidamente para o relógio, até eu me sentir culpado e acabar por deitar o resto dos meus cereais no lixo. Quando o ouvi a caminhar junto à porta da frente apressei-me a entrar no meu quarto, vesti o casaco, pus a mochila às costas e voltei a inserir o código para que as persianas se fechassem. Só quando já estava ao lado do meu pai é que ele começou a desferrolhar a porta da frente.

Tratava-se de um ritual que eu conhecia de cor. A porta tinha dez fechaduras, cada uma delas mais impressionante do que a outra. À medida que ele ia abrindo trincos, rodava chaves e deslizava correntes, eu cantarolava ao som dessa mesma percussão solitária que ouvia há já quinze anos, a sequência de sons desses mecanismos metálicos.

— Jimmy, Jimmy!

Pestanejei e olhei para ele. Via-o no vão da porta, com um aspeto vulnerável, com essa camisa que não lhe ficava bem, com uma mão em cima do estômago, o que significava que a sua úlcera estava a atuar no seu horário do costume. Tentava sentir-me incomodado por causa disso, mas ele estava a gesticular para mim de um modo impaciente.

— Sai do alpendre, ou os sensores de pressão ainda vão disparar. Já, já, depressa.

Murmurei um pedido de desculpa entre dentes e dirigi-me para o relvado. Ouvi os ruídos eletrónicos do sistema de alarme a ser ativado, seguido da voz feminina vinda do computador: — Perímetro da casa seguro. — O meu pai respirou fundo, como se tivesse chegado a duvidar desse resultado, e garantiu que todas as fechaduras exteriores estavam como deveria ser, antes de dar um grande salto desse alpendre sensível ao movimento. Acabou por aterrar a meu lado, com as farripas de cabelo sobre cada orelha húmidas de transpiração.

Esse pobre homem estava sem fôlego. Não estava em forma para lutar contra os seus demónios pessoais que tinham crescido até adquirirem, na sua mente, o tamanho de verdadeiros dragões. Via-lhe a respiração intensa no peito, o que me chamava a atenção para o invólucro em vinil onde ele guardava a calculadora, e que lhe saía ligeiramente do bolso da camisa gravado com a marca da San Bernardino Electronics. Havia quem dissesse que o meu pai tinha inventado esse invólucro para a calculadora *Excalibur*, usada por maluquinhos da ciência em todo o

mundo, se bem que ele o negasse. A minha teoria era que os seus patrões acabaram por não lhe dar o devido crédito por esse seu trabalho. É isso que acontece a indivíduos como o Jim Sturges Sénior. Algo que me punha de rastos.

Ele acompanhou-me através do relvado. A câmara de segurança da porta da frente ronronava à medida que íamos andando. Os seus pés enrodilharam-se nos meus, e eu dei-me conta de que as suas peúgas estavam, como sempre, manchadas de verde. Para compensar as promoções e os bónus que não lhe davam no trabalho, o meu pai cortava relva aos fins de semana: nos parques da cidade, em cemitérios, mesmo a do campo de futebol do Liceu de San Bernardino, e sempre vestido como um louco, com óculos de proteção e luvas. Isso acabou por me trazer mais popularidade na escola, acreditem. Ele empurrou-me com uma mão que cheirava a relva.

— Ainda vais perder o autocarro, Jimmy, e, se o perderes, ainda vou ter que te levar lá de carro, o que irá fazer com que chegue tarde ao trabalho.

— Será que não posso simplesmente ir a pé?

— Sabes bem a dificuldade que tive para arranjar um horário de modo a que pudéssemos ambos sair ao mesmo tempo. O patrão ficou muito incomodado comigo, Jimmy, acredita que mesmo muito incomodado...

— Mas não tinha que fazer isso. Só as crianças é que andam de autocarro.

Ele dirigiu-me um olhar severo.

— Nunca é demais ser-se cuidadoso. Olha para o meu irmão Jack. Como ele era uma pessoa tão independente... Cheia de coragem. Ele costumava dizer-me: — Jimbo, *nada* me pode magoar — Mas a realidade acabou por magoá-lo, apesar de ele ser...

Ele disse-o apenas para si: — ... o rapaz mais corajoso que alguma vez vi.

O meu pai voltou-se para mim, mesmo em frente da sua carrinha da companhia San Bernardino Electronics (o mesmo seria dizer «o veículo mais seguro em San Bernardino»), que era, ao mesmo tempo, a sua carrinha e o meio de transporte para o equipamento de corte da relva, e suspirou fundo. Apercebi-me do punho desabotoado da sua camisa a adejar-lhe fora da manga do casaco. Ele merecia ir para o trabalho desse

modo, se não me deixasse crescer e fazer coisas tão simples como ir sozinho a pé para a escola.

— Pois bem — observou o meu pai. — Olha que ele era mesmo...

Foi até à carrinha e começou a abri-la. Dei uma patada no chão. Ele tinha razão, vinha aí o autocarro. Consegui ouvi-lo já na Maple Street e teria que dar uma corrida se ainda quisesse apanhá-lo. Porém, esse punho desabotoado fez-me hesitar. Não parava de imaginar os empregados mais novos no escritório dele a fazerem troça desse homem nervoso e desmazelado, com os óculos colados com adesivo, que usava o invólucro protetor da sua calculadora *Excalibur* como se fosse uma medalha de honra. Uma vítima na família já era suficiente.

Aproximei-me de um dos lados da carrinha, peguei-lhe no punho da camisa e, após uns movimentos rápidos, acabei por lho abotoar. Ele olhou para mim com um sorriso amarelo, piscando-me os olhos através de umas lentes sujas.

— O autocarro, Jimmy...

Suspirei.

— Já estou nele, pai...

DOIS



Diante do liceu havia uma fila de abóboras. Reparei bem nelas e já tinha contado quarenta e uma antes de o autocarro ter feito uma daquelas travagens bruscas que se sentiam no estômago. Lancheiras e livros espalharam-se pelo chão encardido e a miudagem pôs-se de cócoras para apanhar os termos e os lápis que rolavam. Eu sentei-me e olhei para o cartaz no exterior do Liceu de San Bernardino.

CENTÉSIMO SEGUNDO FESTIVAL
ANUAL DAS FOLHAS CAÍDAS
DURANTE TODA A SEMANA
MOSTREM A VOSSA CORAGEM!
FORÇA BATTLE BEASTS!

Ninguém que tivesse sido criado em San Bernardino desconheceria o Festival das Folhas Caídas. De facto, de uma maneira ou de outra, ele fazia parte das nossas memórias. Talvez fossem as máscaras de princesa ou de robô e o desfile no Jubileu das Crianças... Ou talvez fosse o voluntariado juntamente com os pais para limpar mesas pegajosas durante a Grande Festa das Panquecas do Clube Kiwanis. Tudo aquilo tivera origem numa história muito interessante acerca de uma expulsão lendária, mas eu esqueço-me sempre de quem tinha expulsado quem e por que motivo.

Mas isso não tinha qualquer importância pois o festival evoluía ao longo dos tempos como um modo de a cidade poder vender-se a si mesma. Durante sete dias havia exposições de arte com obras-primas a preços inflacionados, pintadas à pressa por artistas locais; escaparates cheios

de roupa que ninguém comprava a preços reduzidos; bandas que davam concertos gratuitos em coretos de parques locais; havia descontos especiais em *stands* de carros usados, restaurantes, companhias de seguros. E tudo acabava aí, no liceu de San Bernardino, com um grande jogo de futebol, seguido de *Shakespeare na Linha dos 50 Metros*, uma produção abreviada que se desenrolava no mesmo campo. Tínhamos os desportos e a cultura no mesmo local, sem sequer termos que pousar o nosso cachorro quente com chili e queijo.

Esse ano prometia trazê-los todos em massa e não apenas pelo facto de a equipa não ter sido derrotada. Do lado oeste do liceu situava-se o Harry G. Bleeker Memorial Field, um típico campo com balizas e candeeiros de iluminação, cheio de recantos que permitiam que a miudagem trouxesse cerveja às escondidas e pudesse fazer marmelada. Na próxima sexta-feira, no entanto, iria ser o dia de estreia do nosso *jumbotron*, um gigantesco ecrã de vídeo que tinha estado coberto durante semanas, enquanto os trabalhadores terminavam a instalação. Nessa manhã, os trabalhadores já estavam no topo de altos andaimes a ajustarem os capacetes.

Todo esse estúpido festival, que em nada me interessava, começaria no sábado (no dia seguinte) o que queria dizer que essas eram as últimas horas preciosas antes de toda a gente ficar louca, e antes de começarem a enfeitar a cidade com as cores de San Bernardino, vermelho e branco. Era a pior altura do ano para os rapazes como eu, que não eram bons no desporto, ou no teatro, ou no que quer que fosse.

Fui o último a sair do autocarro, e mal tinha chegado ao passeio quando um outro rapaz que eu conhecia, da mesa pouco popular da hora do almoço, saiu a correr da porta principal. Agarrou-se a mim para não cair. Oscilámos ambos como se estivéssemos numa dança de salão. Ele espetou um dedo na direção da escola.

— O Tub.... — pronunciou ele, sem fôlego. — Na Caverna dos Troféus.

Era tudo o que ele tinha a dizer. Se havia um local nesse estabelecimento reservado para os mais detestáveis atos de *bullying* era a Caverna dos Troféus, um corredor no segundo andar onde se guardavam os troféus do liceu. Em tempos fora o local das aulas de Francês e de Alemão, mas essas opções tinham sido eliminadas. As luzes fluorescentes tinham há muito ficado fundidas ou alguém lhes tinha mexido, e o corredor

existia como um sombrio canal do mal a ser evitado a todo o custo, mesmo que tal resultasse em chegar tarde ou aguentar a bexiga durante a aula seguinte. Regularmente, poderíamos ouvir os soluços dos caloiros a sofrerem o seu primeiro (ou décimo quarto) puxão de cuecas.

Alguns alunos tinham a pouca sorte de ter os seus cacifos situados nessa câmara de tortura. O Tobias «Tubby» D., o meu melhor amigo, era um deles.

Antes de chegar à Caverna dos Troféus, já conhecia a identidade do assaltante. Ouvia-se um *TRÁS, TRÁS*, a ribombar pelo corredor, a marca registada do Steve Jorgensen-Warner. O Steve estava sempre a brincar com uma bola de basquete, não importava onde estivesse, nas aulas, no refeitório, nas casas de banho. Alguns professores, sobretudo os de Educação Física, até o deixavam driblar a bola nas aulas, para que ele se concentrasse no trabalho escolar, enquanto os outros colegas rangiam os dentes numa irritação silenciosa.

Era óbvio que o Steve não era um aluno comum. Sim, é certo que era capitão do grupo de basquete. E também era o melhor corredor na equipa de futebol. Mas isso ainda não dá uma imagem completa. Era bem-parecido da forma mais estranha. Tinha uns olhos demasiado pequenos e um nariz porcino, tinha uma quantidade ridícula de cabelo e dois caninos enormes. Contudo, a combinação desses traços era, até certo ponto, hipnotizante. A sua desmesurada estrutura muscular e o seu modo esquisito de falar (seco, delicado, como se fosse um aluno que tivesse aprendido inglês numa aula) completavam esse pacote pouco usual. Não havia ninguém como o Steve Jorgensen-Warner. O que os professores não sabiam é que também não existia ninguém mais cruel.

Juntara-se uma multidão. Eu pus-me em bicos de pés e vi o Tub de joelhos, com o rosto sardento vermelho como um tomate, entalado no braço esquerdo do outro. Com a mão direita, o Steve continuava a driblar a bola de basquete enquanto ia conversando calmamente com um colega de turma. Aos empurrões, tentei chegar até à frente desse grupo. Um fio de baba escorria do lábio inferior do Tub, que estava a tentar arranhar o bíceps do Steve.

— Ar — gemia o Tub. — Preciso... de ar... para respirar...

O Steve pedia desculpa ao amigo por ter que interromper essa agradável conversa, para concentrar a sua atenção no gordo caloiro que esperneava sob o seu apertão. Reflexos distorcidos, como os de uma casa

dos espelhos de uma feira, surgiram em cada placa de bronze, taça de campeonato e fotografia emoldurada de jovens adultos alinhados e com camisolas iguais, todos eles mais felizes e mais saudáveis do que esse meu melhor amigo já quase sem fôlego.

TRÁS, TRÁS, TRÁS, TRÁS.

O sorriso cheio de dentes do Steve nunca se lhe transmitia no olhar.

— Sabes bem o combinado, Tubby. Cinco dólares por dia. Tenho pena se isto não ficou claro para ti.

— Tu foste... muito claro... mesmo muito...

— Cinco dólares é uma pechincha. Desafio-te a arranjares um melhor preço noutro lado.

— Dei-te... tudo o que tinha... ontem...

— Pois bem, se isso é verdade, por que não estás a pedir-me desculpa?

— Estás a esmagar-me... a traqueia... palavras... difíceis...

— Mas «desculpa» é uma palavra tão simples... Por que não a dizes?

— Desculpa...

— Isso não me soa lá muito sincero, Tub. Aceito as tuas desculpas. Mas arranjas esses cinco dólares até ao fim do dia para que não tenhamos que passar por estas situações desagradáveis. Até à próxima, é claro...

Teria dado tudo para ser o rapaz que tivesse saltado desse grupo para desviar o Steve do meu amigo. Mas isso seria uma fantasia que nos mataria a ambos. De facto, comecei a andar na direção oposta, mas fui contra a maré de gente aos empurrões e tropecei. Para meu grande horror, caí de costas, mesmo no interior do círculo de tortura.

O Steve olhou para mim, a pestanejar com os olhos muito abertos. Largou o Tub, que caiu para o chão, em cima do charco formado pela sua própria saliva. O Steve voltou-se. O ritmo do bater da bola no chão abrandou até ao do coração da baleia que em tempos víamos num vídeo da aula de Biologia. O tempo parecia ter parado. Senti-me como os atletas aprisionados na vitrina dos troféus para toda a eternidade.

— Ah, o Sturges — observou o Steve. — Também queres brincar? Que excelente novidade...

Ao longo dos anos também tinha suportado toda uma carga de abusos do Steve Jorgensen-Warner, começando com uma lendária torcedela de braço, no terceiro ano, e a uma entorse no pulso no meu ano de caloiro, depois de ter «escorregado» pelas escadas das traseiras do

liceu. No entanto, nenhum desses confrontos fora provocado por mim. Até o Tub, agora na posição fetal, parecia aterrado.

— Oh, pois bem — observei eu, ainda no chão. — Tenho que ir para aula. Temos todos que ir para aula, não é? Quero dizer, não são já horas de ir para a aula? Quero dizer, pois bem...

A Caverna dos Troféus amplificou essas minha frases disparatadas.

TRÁS, TRÁS! Parecia-me que o ritmo da bola se intensificara. Era um indicador da sua disposição tão fiável como a cauda de um cão. Um esgar de escárnio resplandecente espalhou-se no rosto do Steve à medida que avançava para mim, driblando a bola por detrás das costas e por entre as pernas. O tipo estava no seu elemento. Se houvesse uma tabela, ele teria encestado sem problema nenhum.



TRÊS



A pesar de tudo, acabámos por ter sorte. Ambos apanhámos o «compactador de lixo», esse elegante processo em que éramos atirados para dentro de um cacifo demasiado pequeno para enfiar um adolescente e, em seguida, esmagados repetidamente com a porta até que, sabe-se lá como, aí coubéssemos. É mais doloroso do que o que parece. Os ganchos para pendurar os casacos cortam-nos o couro cabeludo, os cantos afiados ferem-nos os ombros e, se formos suficientemente estúpidos para tentarmos evitar que a porta se feche, poderemos partir um dedo. Já vi isso acontecer.

Felizmente para mim, já passara por esse experiência vezes suficientes para saber como abrir um cacifo por dentro. Descontraí-me até o som da bola de basquete ter desaparecido, e depois saí. O Tub ainda estava a choramingar, no cacifo ao lado, e não poderei criticá-lo por isso. Ele era um rapaz gordo e as regras simples da física diziam-nos que a sua extração não iria ser pera doce. Primeiro, disse-lhe o que ele precisava de fazer para ativar o mecanismo. Ainda levou algum tempo, devido à torrente constante de palavrões que se escapava das ranhuras na porta do cacifo. A campainha tocou. Suspirei. Iríamos chegar atrasados.

Dez minutos mais tarde estávamos a recuperar na casa de banho dos rapazes. Nenhum de nós tinha intenções de entrar na aula atrasado, com lábios e cotovelos a sangrar. De modo que levámos algum tempo a lavar os nossos ferimentos com água fria e a estancar o sangue com tochas de papel castanho.

— Essas toalhas são para animais — observou o Tub. Entrou numa das divisórias e trouxe uma mão cheia de papel higiénico. Colocou-o

suavemente contra um cotovelo arranhado. — Ah, agora é que eu estou a ser bem tratado. Será que estou num spa? Será que estamos num spa? Quando é que vamos ser esfregados com sal? E as massagens eróticas com as pedras quentes? Jeeves, por favor, o nosso itinerário!

Forcei um sorriso que se esvaiu num arrepio de dor. Tinha uma nódoa negra a aparecer-me numa das faces. Percorri as minhas opções de escondê-la do meu pai. Óculos de sol demasiado grandes? Um cachecol atrevido? Pintura facial? Ele não reagia de um modo racional sempre que a minha segurança era ameaçada.

O Tub debruçou-se para o espelho e franziu o sobrolho. Gostava de vos contar como a verdadeira beleza se encontra afinal dentro de nós, pois, se tal for o caso, os órgãos internos do Tub farão qualquer cirurgia desmaiar de prazer. Poderíamos chamar gorducho ao Tobias Dershowitz, se quiséssemos ser engraçados; ou forte, se quiséssemos ser diplomáticos. O facto é que ele era gordo e esse era apenas um dos seus problemas. O seu cabelo parecia uma espessa sebe cor de laranja a crescer sem controlo. Tinha o rosto coberto com o tipo de sardas que faziam com que rapazes como o Tub parecessem bebés crescidos. O pior de tudo era o aparelho que ele tinha nos dentes, essa maravilha dos tormentos modernos: chicotes com pontas de aço inoxidável a atravessarem cada dente, separadamente, atirados contra uma dezena de colchetes prateados. O aparelho fazia tanto barulho quando ele falava, que nós quase esperávamos ver as faíscas.

Pelo menos, era alto, o que não era de modo algum o meu caso. Estava de pé diante do espelho, muito direito, como se, após ter engolido um garfo, estivesse a arranjar as suas condecorações militares. Depois olhou em volta da casa de banho para se certificar de que estávamos sozinhos.

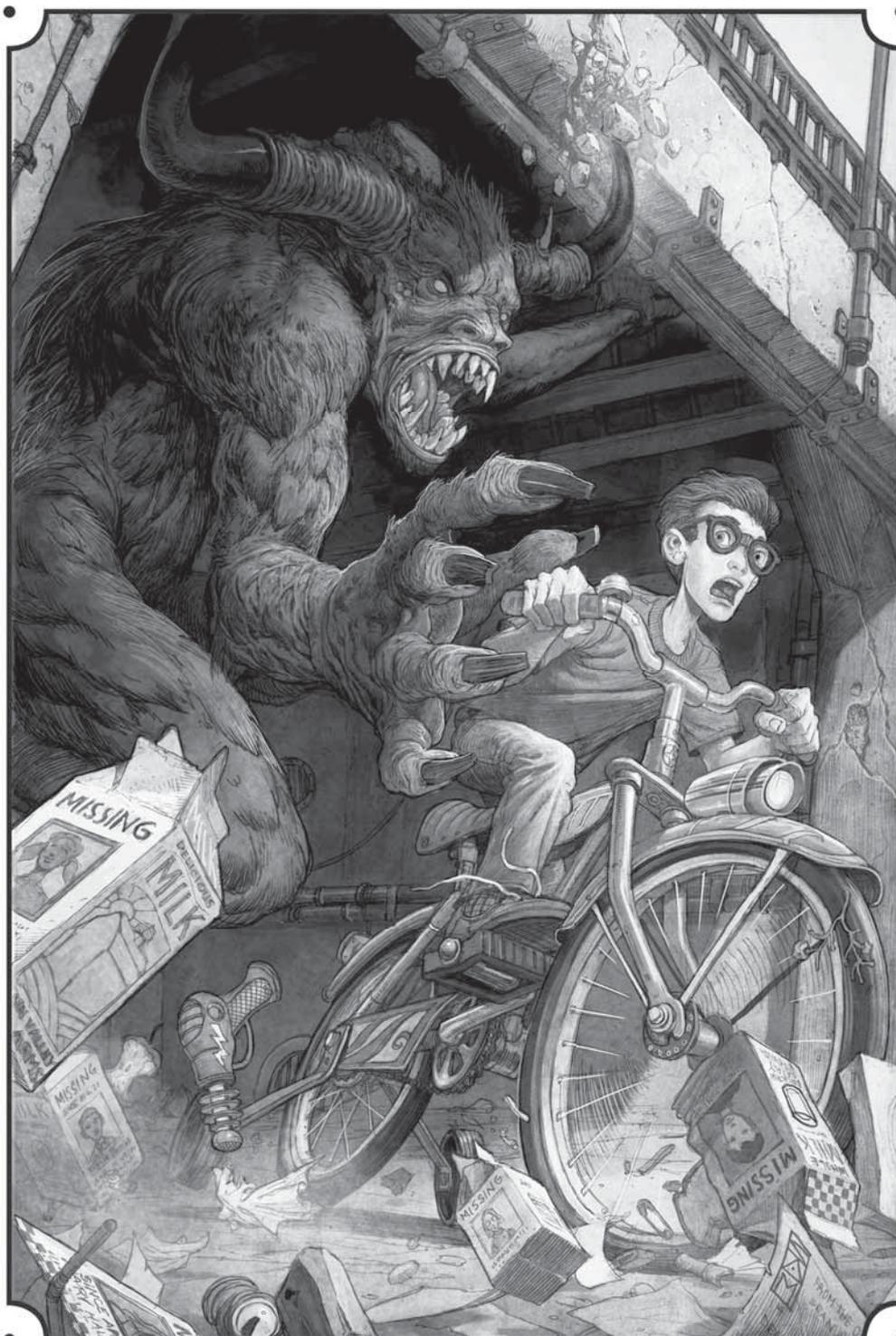
— Vê bem isto! — Enterrou uma mão dentro da camisa e retirou do sovaco a nota de cinco dólares mais suada que eu alguma vez tinha visto. Estendeu-ma, como se eu quisesse acariciá-la. — Eu tinha esta nota desde o início. Aquele burro é que não soube onde procurá-la!

— Olha que lhe fizeste ver, Tub.

— Pois fiz...

Riu-se, dobrou a nota e voltou a encaixá-la no sovaco.

Quando estava a ajustar a camisa por cima da barriga, o seu sorriso vacilou. O Tub era um mestre de Kung Fu quando se tratava de encobrir



Era negra. Nada mais do que uma superfície negra.
Mas depois esse negrume começou a mexer-se.

feridas com piadas. Mas havia momentos em que ele perdia o fôlego e parecia reconhecer, por um breve instante, a verdade amarga. E a verdade resumia-se tão-só ao facto de que inserir uma nota húmida de cinco dólares no sovaco era o que ele tinha de mais parecido com uma vitória.

Pressionei o botão do secador de mãos para poder abafar a minha próxima pergunta.

— Choraste?

— Não. Desta vez, não. — Calou-se e encolheu os ombros. — Não muito.

O nosso silêncio prolongou-se por algum tempo. O bom do Tub sabia como remediar essa situação. Puxou por um escarro e cuspiu-o no urinol. Em seguida deu-me uma leve palmada nas costas e dirigiu-se para a porta. Por momentos fiquei aí parado, a ver a escarreta a dissolver-se na urina de outra pessoa. Isso dizia bastante acerca das nossas vidas, pensei. Quando saí atrás dele, tive que evitar olhar para trás. Quase podia jurar que havia um som cavo que saía de dentro do cano do urinol, cuja origem se situava bem abaixo do chão de mosaicos.